
FRASES COMPLETIVAS INFINITIVAS NO PORTUGUÊS EUROPEU E BRASILEIRO (ESTUDO CONTRASTIVO)

*INFINITIV COMPLETIVE PHRASES IN A LANGUAGE IN THE EUROPEAN AND BRAZILIAN
PORTUGUESE*

Iva Svobodová¹⁹

Resumo: O objetivo do texto é analisar a ocorrência das frases completivas finitas e infinitivas subcategorizadas por verbos com diferentes valores modais, e cuja tipologia foi estabelecida por Marques (1995, 2013), baseada, essencialmente, na relação dicotômica entre o valor epistêmico *versus* não epistêmico. Verificou-se que em ambas as variedades, a nível geral, as preferências por uma ou outra forma são quase idênticas, sendo o fator principal que influencia a sua seleção não o diatópico, como se supunha no início da pesquisa, mas o valor modal e o tipo de ineridade dos verbos. A pesquisa foi realizada numa pequena amostra de verbos, tipologicamente diferentes, no registo jornalístico, sendo utilizada, predominantemente, a metodologia quantitativa, baseada no tratamento dos dados tirados dos *corpora* português CETEMPúblico e brasileiro CETENFolha, que pertencem ao *corpus* da Linguateca.

Palavras chave: orações completivas; frase infinitiv; linguística de corpus; Linguateca.

The abstract: This study aims to analyze the occurrence of the infinitive complete phrases subcategorized by verbs that possess different modal values, which typology was established by Marques (1995, 2013) and that are based on the dichotomy between the epistemic and non-epistemic component. We verified that in both the varieties, in a more general level, the priority of finite or infinitive form is identic, being the most important factor not the diatopic one, as we were supposing in the initial fase of the investigation, but the modal value and the valency of the verb. For our analysis we chose the journalistic register. Our analysis is mostly quantitative and is based on the treatment of the data gained from the Portuguese and Brazilian *corpora*, CETEMPúblico e CETENFolha that pertain to the *corpus* of LINGUATECA.

Key Words: complete clauses; non-finite clause; corpus linguistics; Linguateca;

1. Introdução

O objetivo da nossa investigação é verificar se as preferências relativas ao uso das formas finitas ou infinitivas, no caso das orações completivas, são convergentes ou divergentes nas variedades europeia e brasileira da língua portuguesa, sendo uma especial atenção dedicada

¹⁹ Professora do Instituto das Línguas e Literaturas Romanicas, Faculdade de Letras, Universidade de Masaryk, Brno, República Tcheca. PhD., doutora em Línguas Românicas pela Universidade Carolina em Praga, Rep. Tcheca.

igualmente à ocorrência do infinitivo fletivo. Note-se que a dita problemática constitui um dos capítulos da Gramática do Português (Raposo (orgs.) 2013, p. 1901-1977), o qual, por muito extenso que seja, não trata a questão do ponto de vista quantitativo nem contrastivo, dedicando atenção à descrição das normas (por exemplo, as relativas à posição do sujeito não correferencial no caso dos antecedentes epistémicos) e apontando, em alguns casos, para as prioridades dos falantes nativos relacionadas com o uso do infinitivo com e sem marcas da flexão ou às regras Assim foi o objetivo do nosso trabalho comparar a frequência das diferentes formas em períodos compostos por orações completivas subcategorizadas pelos antecedentes verbais com diferentes valores modais. Gostaríamos de contribuir, com o nosso trabalho, tanto para a área de linguística contrastiva como, igualmente, para a área da sintaxe, eventualmente, para a didática da língua portuguesa. Há a notar que, a presente análise complementa um projeto a longo prazo, cujo objetivo principal foi comparar textualmente dois textos legais (Códigos Penais de Portugal e do Brasil). Um dos aspetos tratados nele foi o da caracterização formal das frases completivas, pelo que foi realizada uma análise contrastiva muito pormenorizada das construções completivas infinitivas nos dois códigos. É o objetivo do nosso trabalho verificar, até que medida, os resultados que se referem a dois textos discursivamente limitados e que falam a favor de natureza simétrica, têm validade geral.

2. Enquadramento metodológico

Relativamente ao critério semântico, para os fins da classificação dos valores modais encontrados, foi aplicada a tipologia estabelecida por Marques (2013, pp. 678-679), que, em sua análise, dividiu os antecedentes das frases completivas em epistémicos e não epistémicos.

No tipo dos predicados que veiculam o valor epistémico, Marques inclui vários tipos de expressões, sendo o primeiro caracterizado por possuir um valor mais forte de crença, isto é, a crença (do sujeito) na verdade da frase. Pertencem a ele os seguintes predicados:

- a) predicados associados à expressão de conhecimento (p.ex.: *descobrir, estar consciente de, saber, verificar*);
- b) predicados associados a atos de fala compromissivos (p.ex.: *ameaçar ou prometer, entre outros*);
- c) predicados declarativos (p.ex.: *avisar, afirmar, dizer*);
- d) predicados que introduzem um cenário imaginário (p.ex.: *fingir, imaginar, sonhar, supor*);

e) predicados associados à expressão de crença (p.ex.: *pensar, ter a certeza*, entre outros).

Entre os antecedentes epistêmicos contam-se também aqueles que podem veicular um valor de crença mais fraco, o que significa que a veracidade da oração pode ser relativizada, por exemplo, pelos predicados dubitativos como *duvidar* ou *ser possível* ou declarativos negativos como *desmentir* ou *negar*.

De acordo com os romanistas checos, Zavadil e Čermák (2010), existe uma congruência modal entre as frases principal e subordinada no sentido de o modo conjuntivo ser selecionado pelas expressões não epistêmicas e o modo indicativo pelas expressões epistêmicas. Marques, no entanto, inclui entre os antecedentes epistêmicos também aqueles que admitem ambos os modos: tanto o indicativo como o conjuntivo, cujos exemplos são: *admitir, pensar imaginar, acreditar* ou antecedentes nominais como *hipótese, ideia* ou *suspeita*. Nestes casos, a seleção do modo é acompanhada por uma diferença de interpretação, indicando o indicativo um valor forte de crença e o conjuntivo um grau fraco de crença (Marques, 2013, p. 680). Duarte (2003, p. 603) subdivide este tipo de predicados antecedentes em assertivos, que introduzem asserções e, os pseudoassertivos, que não introduzem asserções, “utilizando-se para exprimir avaliações ou para acrescentar conteúdos independentes da própria asserção, uma vez que os mesmos se encontram pressupostos nesta” (Duarte, 2003, p. 605). Esta distinção reflete-se, consequentemente, na seleção do modo: no caso dos verbos assertivos, utiliza-se o indicativo e, no caso dos pseudoassertivos, o conjuntivo, o qual “exprime maior distância do locutor relativamente à verdade do conteúdo proposicional da frase completiva.” (Duarte, 2003, p. 605). Propomos, para este tipo de verbos, o termo de *predicados de dupla seleção do modo* ou, às vezes, para economizar espaço nos quadros, utilizamos o termo *bimodal*. Antecipe-se que este tipo de verbos, num texto prescritivo aparece sempre com o indicativo, veiculando, naturalmente, o valor assertivo. Ao contrário, será de esperar a sua maior variabilidade num texto informal.

Aos antecedentes não epistêmicos, pertencem, segundo o autor, os verbos deônticos, volitivos e de necessidade, e avaliativos (Marques, 2013, p.681) tal como indicamos de seguida:

- a) predicados associados a valores de obrigação ou permissão (p.ex: *autorizar, mandar, ordenar, pedir, sugerir*);
- b) predicados associados a valores de desejo (p.ex *desejar, esperar, querer*);
- c) predicados que expressão uma condição suficiente e necessária (p.ex: *bastar, fazer com que, impedir, ser necessário, ser suficiente*);

- d) predicados que expressam uma avaliação de um facto assumido (p.ex: *lamentar, ser desagradável, ser pena, surpreender*).

Relativamente ao *corpus* analisado, como já ficou dito, os antecedentes submetidos à análise são formados por uma lista de verbos que foram objeto da análise da linguagem legal, mais concretamente, dos Códigos Penais português e brasileiro. O nosso objetivo é verificar se a homogeneidade verificada entre duas variedades de uma língua culta (jurídica) pode ser constatada também a nível mais geral. Por isso, o *corpus* dos verbos submetidos à análise corresponde com o que foi analisado na nossa pesquisa anterior (ainda não publicada), incluindo verbos que veiculam os seguintes tipos de valores modais:

1. o valor epistémico positivo:
 - expressões de conhecimento (*considerar, saber, verificar, considerar saber, decidir, mostrar, revelar, entender*);
 - expressões declarativas (*alegar, declarar*) e
 - expressões do valor modal duplo (*suspeitar, crer, supor, insinuar, concluir, prever*);e
2. o valor modal não epistémico:
 - expressões volitivos positivos: (*esperar, conseguir, tolerar, esforçar-se por, prestar se*);
 - expressões volitivos negativos: (*recusar-se a, negar-se a, evitar, dificultar, opor-se a, impedir de*) e
 - expressões deônticos com um valor de obrigatoriedade, proibição e possibilidade com efeito facultativo ou de permissão (*obrigar a, habilitar a, ordenar, facilitar, permitir*) e de obrigação forte (*coagir a, levar a, fazer com, forçar a, incitar a, forçar a, instigar a*).

A pesquisa anterior, relativa à linguagem legal, mostrou que em ambos os textos, tanto português como brasileiro, os verbos epistémicos preferem subcategorizar as frases finitas com o modo indicativo e os antecedentes não epistémicos, ao contrário, em vez de subcategorizarem as frases finitas com o modo conjuntivo, priorizam as formas infinitivas que, habitualmente, ocorrem sem marcas de flexão, sendo o seu traço semântico inerente a natureza correferencial ou impessoal do sujeito.

Veja-se o seguinte quadro 1, em que resumimos a tipologia modal dos antecedentes verbais do *corpus* estudado:

Quadro 1: Valores modais dos antecedentes de F-completiva

[valor epistêmico +]			[valor epistêmico -]	
valor mais forte de crença expressões de crença ou de conhecimento		valor mais fraco de crença	deôntico e volitivo	
expressões de conhecimento	expressões declarativas	dupla seleção do modo	expressões deônticas	expressões volitivas de valor positivo
<i>considerar</i> <i>saber</i> <i>verificar</i> <i>decidir</i> <i>mostrar</i> <i>revelar</i> <i>entender</i>	<i>alegar</i> <i>declarar</i>	<i>prever</i> <i>suspeitar</i> <i>crer</i> <i>insinuar</i> <i>concluir</i> <i>supor</i>	<i>habilitar a</i> <i>obrigar a</i> <i>ordenar</i> <i>facilitar</i> <i>permitir</i> <i>determinar</i>	<i>esperar</i> <i>tolerar</i> <i>conseguir</i> <i>esforçar-se</i> <i>prestar-se a</i>
			expressões de obrigação ou condição necessária	expressões volitivas de valor negativo
			<i>coagir a</i> <i>levar a</i> <i>fazer com</i> <i>constranger a</i> <i>incitar a</i> <i>forçar a</i> <i>instigar a</i> <i>induzir a</i>	<i>recusar-se a</i> <i>negar-se a</i> <i>evitar</i> <i>dificultar</i> <i>opor-se a</i> <i>impedir de</i>

Para os fins da nossa pesquisa a nível da linguagem jornalística, recorreu-se à análise quantitativa dos dados que nos proporcionaram os *corpora* CETENFolha para o português brasileiro e CETEMPúblico para o português europeu, que fazem parte do *corpus* da Linguateca. As fórmulas utilizadas para as frases finitas foram:

- [lema="V"] "que", para a procura das frases finitas;
- [lema="supor"] [temcagr=".*INF.*"] para todas as frases infinitivas;
- [lema="crer"][lema="o"]@[pos="N.*"] [temcagr=".*INF.*"] para as frases infinitivas fletivas com marcas de flexão. Neste caso, a procura foi realizada através do sujeito foneticamente realizado e heterogêneo [lema="o"]@[pos="N.*"], incluindo aquelas construções em que o determinante é substituído por pronomes adjetivais: [lema="este/esse/aquele"] @[pos="N.*"] ou substantivo [lema="ele, ela, nós, eles, elas, isto, isso, aquilo"]. Nestas

fórmulas, a posição *pós-* ou *pré-* verbal do sujeito não correferente da frase infinitiva, nas fórmulas, muda conforme o tipo do antecedente e conforme as regras estabelecidas em (Raposo, 2013 p. 1901-1977). Não incluímos nos sintagmas nominais potenciais na função de sujeito do infinitivo os pronomes indefinidos, possessivos ou relativos, sendo que ao fazer uma sondagem prévia, chegou-se a verificar o seu uso muito esporádico, e as ocorrências encontradas não mudariam significativamente os resultados.

3. Predicados com o valor epistémico

3.1. Predicados associados à expressão de conhecimento

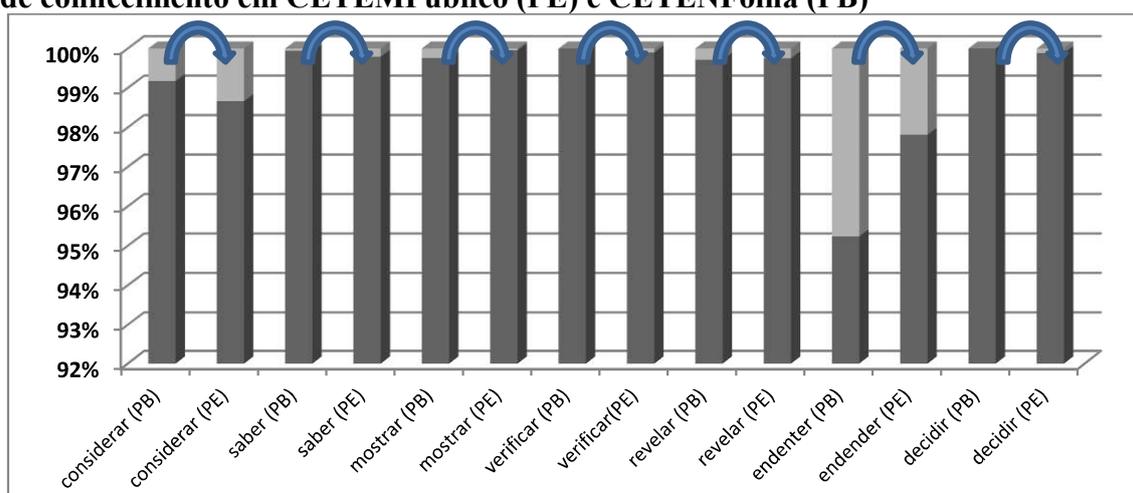
No que diz ao primeiro grupo dos verbos epistêmicos positivos de conhecimento, realizou-se uma sondagem das frases tanto finitas como não finitas, subcategorizadas pelos antecedentes verbais *considerar*, *saber*, *verificar*, *decidir*, *mostrar*, *revelar*, *entender*. Como, nestes casos, é suposto haver uma maior probabilidade da ocorrência do sujeito heterogêneo (isto é, diferente em F^+ e F^-) foi a nossa intenção comparar a frequência das frases finitas com as frases cujo predicado é infinitivo e possui marcas de flexão, que garantem a concordância com o seu sujeito. Uma ocorrência mais ou menos frequente destas construções foi registada no caso do verbo semanticamente pleno *saber* em ambos textos legais, p.ex. «...os documentos que sabe serem falsos...». Mas, relembre-se que o antecedente *saber* pode veicular, para além do valor semanticamente pleno de *possuir o conhecimento de*, também, o valor semanticamente semiauxiliar, usado no sentido de *ser capaz de* ou *conseguir* p.ex. «... o João sabe falar português...»). Neste último caso é, logicamente, suposto existir o sujeito correferencial, condição que predetermina o uso do infinitivo sem marcas da flexão, por isso, no primeiro gráfico 1, o verbo *saber* mostra a maior frequência das ocorrências das frases infinitivas. No entanto, como mostram os dados do gráfico 2, as construções com o verbo *saber* no sentido semanticamente pleno e em combinação com frases completivas infinitivas com marcas da flexão são muito esporádicas, e isso em ambas as variedades,.

Quadro 2: Representatividade numérica dos predicados de conhecimento em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)

valor modal epistêmico +	frase principal		frases completivas			
	nome	variedade tipo de frase	PB-CETENFolha		PE- CETEMPúblico	
			finita	infinitiva com/sem marcas de flexão	finita Ling.pt	infinitiva Ling.pt
conhecimento	considerar		1326	79/11	28770	4129/389
	saber		4985	2510/3	27437	13423/57
	verificar		289	1/0	2936	119/3
	mostrar		3714	77/9	7122	19/3
	revelar		1041	63/3	6438	781/16
	entender		160	57/3	8726	7634/195
	decidir		588	3180/0	2605	23859/3

Uma ocorrência mais alta das construções infinitivas foi registada igualmente no caso do antecedente *decidir*, o que se deve, igualmente, à maior probabilidade da existência do sujeito correferencial, que pré-determina o uso das frases infinitivas, habitualmente, sem marcas de flexão. Nos casos restantes, porém, pode ser constatada uma clara tendência dos antecedentes verbais epistêmicos positivos de conhecimento para selecionar as frases finitas. Ao compararmos o número das frases finitas e o das infinitivas fletivas com a realização fonética de sujeito, estas, realmente, constituem uma parte muito pouco significativa, como mostram os dados do gráfico 1:

Gráfico 1: Frases completivas finitas e infinitivas fletivas subcategorizadas pelos verbos de conhecimento em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)



As frases infinitivas fletivas, em ambos casos, não excedem 5% de ocorrências em nenhum dos casos. Dentro destas construções minoritárias, em ambas as variedades, foi verificado um traço comum: é que quase sempre são seguidas pelos verbos *ser* e *estar*, como mostram os seguintes exemplos:

1. «Nesta primeira parte da encíclica, o Papa desenvolve o que *considera serem essas ameaças e fala das noções perversas da liberdade.*²⁰»
2. «Pelo contrário, dedica-se a apresentar aquilo que se *supunha serem* as provas dos seus erros.»²¹).

3.2. Predicados associados às expressões declarativas

No que aos verbos declarativos diz respeito, observou-se a mesma tendência como no caso anterior. As frases finitas, uma vez que não pressupõem a existência do sujeito correferencial, são as mais dominantes em ambas as variedades, como mostra o quadro 3:

Quadro 3: Representatividade numérica dos predicados declarativos em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)

valor modal epistémico +	frase principal		frases completivas			
	nome	variedade	CETENFolha		CETEMPúblico	
		tipo de frase	finita	infinitiva com/sem marcas da flexão	finita	infinitiva com/sem marcas da flexão
declarativo	alegar		1137	142/1	4475	868/21
	declarar		682	111/0	5012	1064/8

O acervo lexical que abrange os antecedentes verbais declarativos, nos códigos estudados, foi, realmente, representado por um mínimo número de ocorrências e de expressões. Por isso, nesta análise, que visa confirmar os resultados da pesquisa da linguagem legal a nível mais geral, conta com apenas dois verbos, sendo as frases infinitivas fletivas exemplificadas de seguida e porcentualmente visualizadas no gráfico 2:

3. «Mas este também recusa a entrada no capital do BCP, *alegando estarem os esforços* da instituição em Portugal concentrados no desenvolvimento do BCI-Banco de Comércio e Indústria e do seu grupo de participações na área financeira.»²²

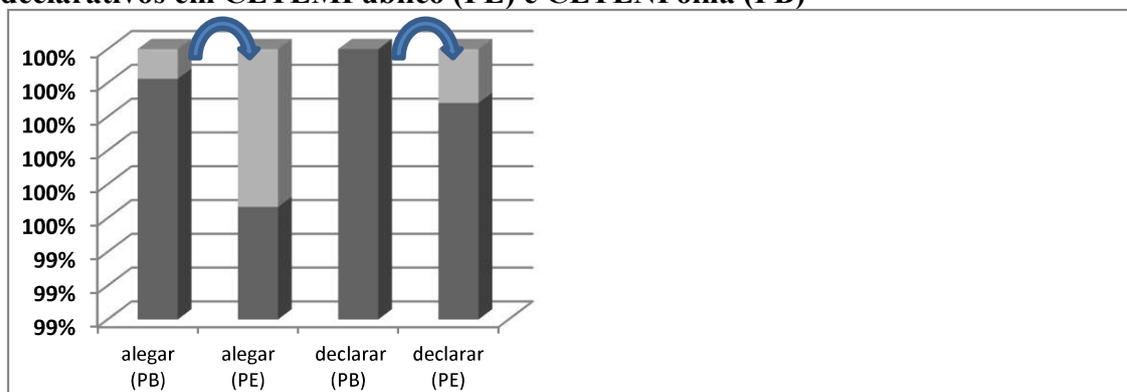
²⁰ CETEMPúblico (Santos 2017): *par=ext28045-soc-95a-1:*

²¹ CETEMPúblico (Santos 2017): *par=ext275246-nd-92a-2:*

²² CETEMPúblico (Santos 2017): *par=ext1494785-eco-93b-3.*

4. «A reclamação dos taxistas, que *alegam ser o aumento* dos furgões um dos fatores decisivos para o atual estágio do trânsito carioca, é ignorada por Mac Dowell: «Isso é uma bobagem.»²³

Gráfico 2: Frases completivas finitas e infinitivas fletivas subcategorizadas pelos verbos declarativos em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)



Relativamente à ocorrência do infinitivo fletivo, a representatividade resulta, em ambas as variedades, insignificante o que prova a validade geral dos resultados das análises anteriores, dedicadas à linguagem legal.

3.3. Predicados de dupla seleção do modo

Os verbos da dupla seleção do modo, como já ficou dito, admitem o indicativo ou o conjuntivo. Em contexto jurídico, as únicas formas selecionadas, obviamente, são as que veiculam um valor de certeza e, portanto, o único modo possível é o indicativo. Na linguagem comum, no entanto, é muito natural que ocorram ambas as formas²⁴, como mostram os dados do seguinte quadro, que indicam uma semelhante distribuição quantitativa dos modos em PE e PB:

Quadro 4: Expressões de hipótese de, ideia de ou suspeita de, em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)²⁵

<i>hipótese de + F⁻</i>			
PE		PB	
F-conjuntivo	F-indicativo	F-conjuntivo	F-indicativo
117	118	62	79
<i>suspeita + F⁻</i>			

²³ CETENFolha (Santos 2017): *par=11149*:

²⁴ Para verificar a congruência modal destas expressões, usou-se a fórmula [lema="possibilidade"] "de" "que" [pos!="V.*"]*[temcagr=".*SUBJ.*"] e para ver a concordância de só indicativo a fórmula [lema="possibilidade"] "de" "que" [pos!="V.*"]* [temcagr=".*IND.*"], tanto no *corpus* português (CETEMPúblico) como no *corpus* brasileiro (CETENFolha).

²⁵ Linguateca (Santos:2017).

F-conjuntivo	F-indicativo	F-conjuntivo	F-indicativo
109	428	70	137
<i>ideia vs. idéia + F⁻</i>			
F-conjuntivo	F-indicativo	F-conjuntivo	F-indicativo
357	4817	64	319

Relativamente à caracterização formal das frases completivas subcategorizadas por expressões verbais com o mesmo valor modal, pode-ser constatada a mesma convergência entre PE e PB como no caso dos valores modais anteriores (isto é, inclinação para usar as formas finitas). Neste caso, os verbos do repertório estudado, poderiam ser divididos em dois grupos: os que selecionam, mariotariamente, em ambas as variedades, o conjuntivo (*suspeitar*) e os que, ao contrário, priorizam o indicativo (*conluir, supor, insinuar e crer*). O verbo *prever* é um exemplo assimétrico do ponto de vista contrastivo, porque, por um lado é verdade que prioriza a subcategorização da frase completiva finita, mas, por outro lado, em PE prevalece o conjuntivo e, em PB, o indicativo, como ilustram as seguintes frases:

5. «O presidente da Arqueonáutica e director do Museu Nacional de Arqueologia referia-se à lei de Santana Lopes que permite a prospecção e recuperação do património subaquático mediante contratos de concessão de zonas marítimas, *prevendo que os concessionários sejam remunerados através de parte dos bens recuperados.*»²⁶
6. Além desse acesso direto do cidadão, traço comum da maioria dos delegados parlamentares (tradução próxima da palavra sueca «ombudsman»), a nova Constituição *prevê que o tribunal encaminhará* ao congresso Nacional, trimestral ou anualmente, relatório de suas atividades»²⁷.

E, como o seguinte quadro 5 e o gráfico 3 visualizam, também no caso dos antecedentes *supor* e *suspeitar*, por um lado, pode ser constatada, uma leve diferença entre PE e PB (de 15 a 20%), mas, por outro lado, nota-se uma certa convergência no que ao uso do modo se refere (conjuntivo no caso de *suspeitar* e indicativo no caso de *supor*).

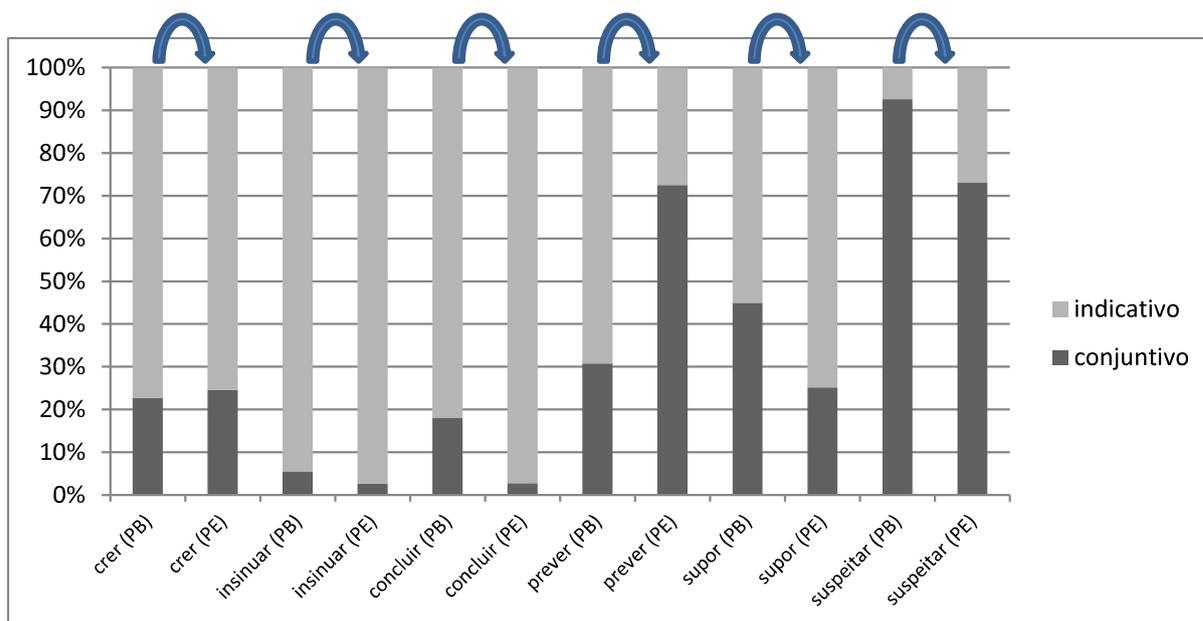
²⁶ CETEMPúblico: Santos (2017): *par=ext1319-clt-95b-1*:

²⁷ CETENFolha: Santos (2017): *par=49004*:

Quadro 5: Representatividade numérica dos antecedentes verbais da dupla seleção do modo em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)

valor modal epistêmico +	frase principal		frases completivas			
	nome	variedade	CETENFOLHA		CETEMPÚBLICO	
		tipo de frase	finita	infinitiva sem/com marcas de flexão	finita	infinitiva sem/com marcas de flexão
bimodal	crer		901	28/1	6408	397/13
	insinuar		113	4/0	393	22/2
	supor		494	56/9	1742	1038/47
	suspeitar		359	9/0	951	218/11
	concluir		944	14/3	7336	326/20
	prever		811	117/0	5770	1736/2

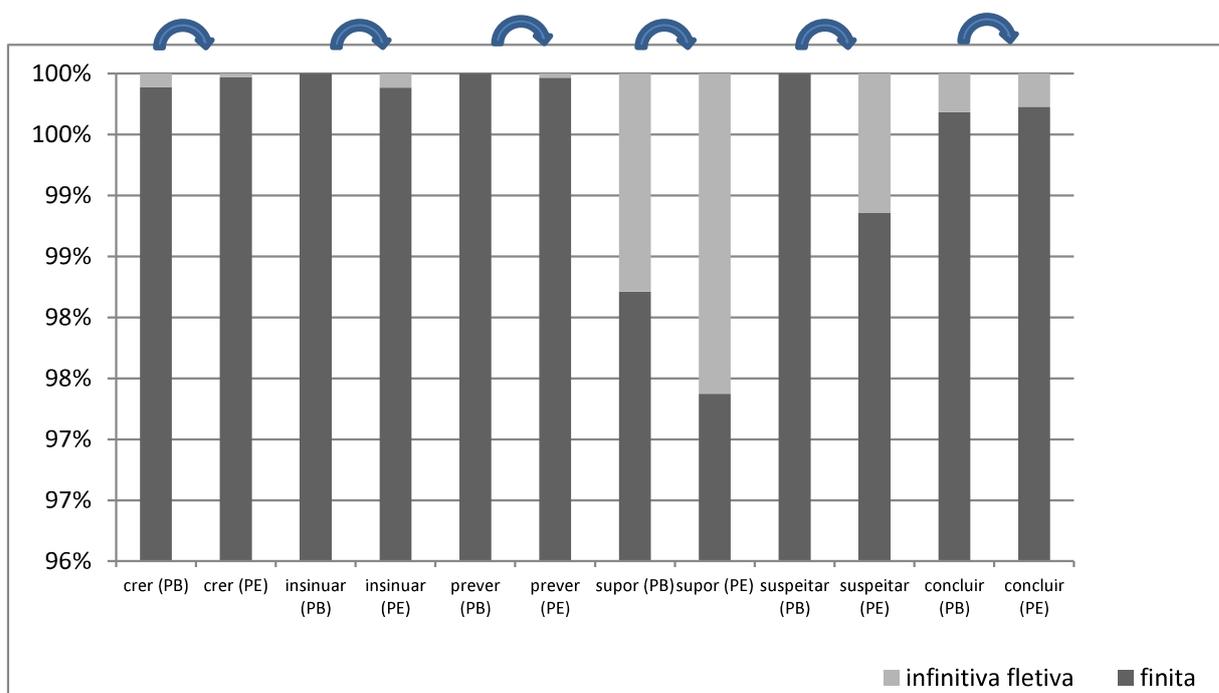
Gráfico 3: Distribuição do modo nas frases completivas verbais subcategorizadas pelos verbos da dupla seleção do modo em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)



As formas finitas das frases completivas subcategorizadas pelos verbos da dupla seleção são, portanto, as mais frequentes. Tal prioridade, no entanto, também tem a sua justificação que consiste no caráter não correferencial do sujeito e como tal, é obviamente de esperar que predominem, em ambas as variedades as formas finitas em detrimento das infinitivas com ou sem marcas de flexão, cuja ocorrência é, na verdade, quase nula em todos os casos, com a

exceção de *supor*, *suspeitar* e *concluir*, em que se verificam de 0,5%- 2% de ocorrências com o infinitivo fletivo, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição das frases completivas finitas e infinitivas com marcas de flexão subcategorizada pelos verbos de dupla seleção do modo em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)²⁸



Dos dados que adquirimos nos *corpora* acessíveis inferimos que os antecedentes com um valor epistêmico de conhecimento, declarativos e da dupla seleção do modo apresentam, nas variedades estudadas, uma considerável semelhança em vários aspetos, sendo preferidas as formas finitas e indicativas. O uso das formas infinitivas fletivas parece, em ambas as variedades, muito esporádico. Proceda-se, nas seguintes secções, à análise dos antecedentes que não possuem o valor modal epistêmico.

4. Predicados com o valor não epistêmico

4.1. Predicados associados às expressões deônticas

²⁸ As formas infinitivas representam apenas as formas infinitivas com marcas de flexão (isto é, com o sujeito não correferente), porque as frases finitas nestes casos são, em geral, sentidas como anómalas (Polášek 2015 in Raposo 2013).

As expressões deônticas que veiculam o valor de permissão, autorização ou obrigação, ao contrário dos verbos com um valor epistêmico positivo, apresentam uma maior variabilidade no que à caracterização formal se refere.

Quadro 6: Representatividade numérica dos antecedentes verbais deônticos em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)

valor modal epistêmico -	nome	variedade	CETENFolha		CETEMPúblico	
		tipo de frase	finita	infinitiva sem/com marcas de flexão	finita	infinitiva sem/com marcas de flexão
deontico	<i>obrigar a</i>		2	1967/398	757	12854/2349
	<i>habilitar a</i>		0	60/0	1	192/24
	<i>ordenar</i>		95	2/0	407	5/1
	<i>permitir</i>		1795	1995/7	7217	22972/26
	<i>determinar</i>		787	7/0	1567	57/0

Neste grupo de verbos, como se pode ver, alguns subcategorizam a frase finita com ambas as formas e, outros, apenas, com uma forma verbal. Por exemplo, o predicador binário *ordenar que*, em geral, é usado com a forma finita, ao contrário do predicador ternário *habilitar*, usado, sobretudo, com a forma infinitiva (*habilitar alguém a fazer*), como se pode ver no gráfico 5. Deduza-se, portanto, que a ocorrência das frases finitas ou infinitivas subcategorizadas por estes verbos está associada, neste caso implicitamente, à natureza de ineridade do predicador mas, implicitamente, também, à natureza impessoal ou correferencial do sujeito, porque no caso da homogeneidade dos sujeitos ou no caso do sujeito acusativo ou dativo (isto é: o nome que desempenha na oração subordinante a função de objeto direto ou indireto é, ao mesmo tempo, o sujeito do infinitivo), é preferível, em ambas as variedades, a construção infinitiva com ou sem marcas de flexão.

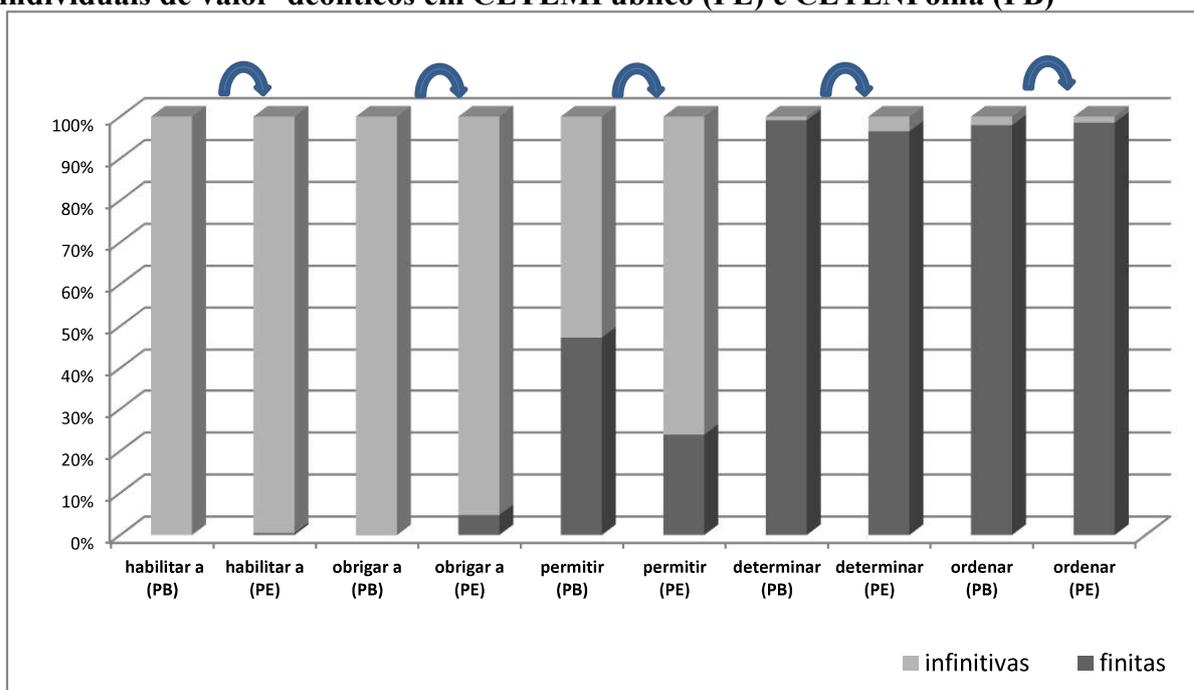
7. «Como resposta foi-me *ordenado que saísse e fechasse a porta*», refere a enfermeira, na sua participação». ²⁹

²⁹ CETEMPúblico: Santos (2017): *par=ext6983-soc-92b-2*:

8. «... política de educação, ao promover a qualidade dos recursos humanos (educar -- «abrir para fora», *habilitar os indivíduos a conhecerem* o seu mundo e *a intervir* conscientemente nele) ; pela política socio-económica, ao desenvolver.. »³⁰
9. «Estamos *determinados a reconstruir* com a máxima precisão de engenharia, para eliminar os engarrafamentos de trânsito aqui e garantir um tráfego mais fácil na vizinhança.»³¹

Esta variabilidade sintática (cuja ocorrência foi verificada, igualmente, nos códigos) com efeito, influencia significativamente a distribuição das frases completivas finitas e infinitivas na linguagem comum, e, portanto, tal como mostra o seguinte gráfico 5, contrariamente aos casos analisados nas secções anteriores, a percentagem das frases infinitivas é maior.

Gráfico 5: Construções completivas verbais finitas e infinitivas segundo os antecedentes individuais de valor deônticos em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)³²



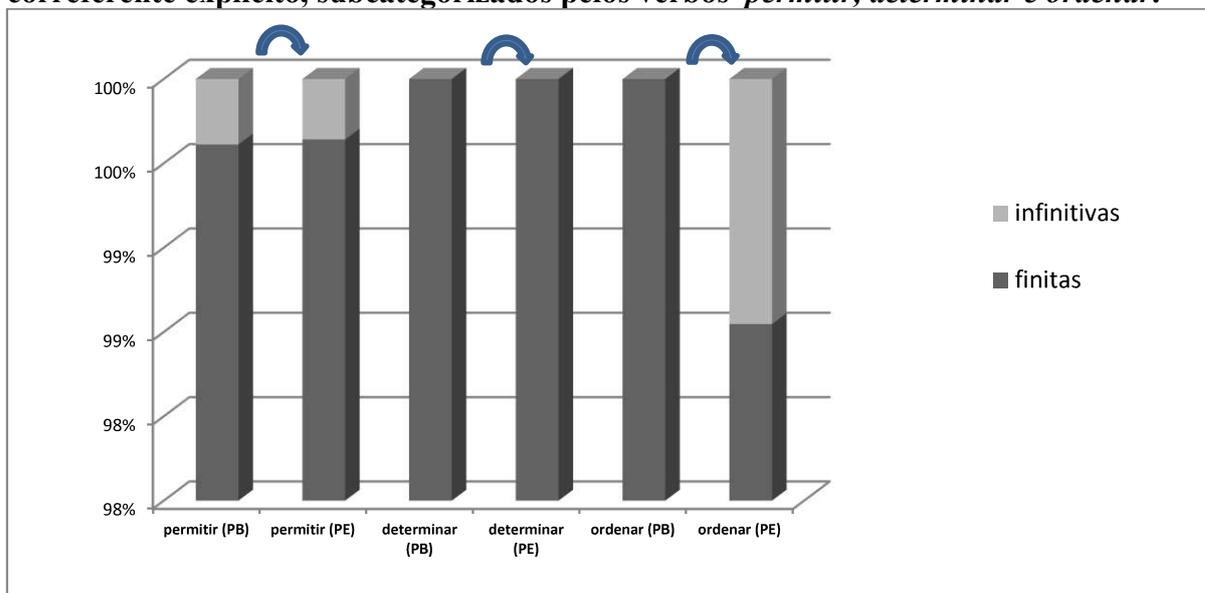
Uma situação diferente regista-se quando o sujeito não é correferencial. Nesse caso, são preferenciadas as formas finitas em detrimento das infinitivas com ou sem marcas da flexão, em ambas as variedades, numa medida mais ou menos igual. Só o verbo ordenar apresenta umas ocorrências, muito esporádicas, das frases infinitivas fletivas (cca 1%).

³⁰ CETEMPúblico: Santos (2017): *par=ext2252-opi-96b-3*:

³¹ CETEMPúblico: Santos (2017): *par=ext780752-nd-91b-1*:

³² As formas infinitivas incluem as formas infinitivas tanto com como sem marcas de flexão.

Gráfico 6: Construções completivas verbais finitas e infinitivas fletivas com o sujeito não correferente explícito, subcategorizados pelos verbos *permitir*, *determinar* e *ordenar*.³³



Os verbos deônticos, como veremos adiante, apresentam as mesmas propriedades no que se refere à ineridade e, conseqüentemente, à forma preferenciada. No entanto, decidimos separá-los por implicarem uma taxonomia diferente. São verbos que veiculam um sentido de uma obrigação necessária e cuja ocorrência se vê ligada ao contexto de força e pressão desenvolvida pelo agente sobre o paciente. Proceda-se, portanto, à sua análise.

4.2. Predicados associados às expressões de obrigação forte

À aplicação do termo “obrigação necessária” conduziu-nos uma certa analogia com o de “condição necessária” com a diferença de que, no caso dos verbos de obrigação necessária, está implícita ou explícita (no caso do verbo *forçar*) a realização necessária da proposição da frase subordinada por meio da componente semântica [força +] ou [pressão +]. Habitualmente, estas expressões subcategorizam as frases completivas infinitivas com o sujeito dativo, isto é, com o controlo do objeto indireto, que é o alvo da obrigação necessária e, ao mesmo tempo, o sujeito do predicador da frase completiva infinitiva, a qual ou pode ocorrer com ou sem marcas de flexão. Assim, não nos foi possível analisar eventuais construções com o sujeito não correferencial e explícito. Todos os dados do quadro 7 abordam situações em que as orações completivas infinitivas têm como sujeito o referente dativo da frase subordinante, como também ilustrarão as frases 10 e 11.

³³ Os outros verbos não estão incluídos no gráfico porque não apresentaram, nos corpora da Linguatca, nenhuma ocorrência das frases completivas finitas.

Quadro 7: Representatividade numérica dos antecedentes verbais de obrigação forte em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)

valor modal epistémico -	nome	variedade	CETENFolh		CETEMPÚBLICO	
		tipo de frase	finita	infinitiva sem/com marcas de flexão	finita	infinitiva sem/com marcas de flexão
o b r i g a ç ã o	n e c e s s a r i a	forçar a	0	214/106	18	2437/312
		incitar a	2	9/11	4	115/151
		instigar a	0	2/0	0	14/15
		induzir a	2	25/0	3	53/39
		coagir a	0	5/0	0	47/7
		levar a	9	546/0	2531	5990/3447
		fazer com	1839	2925/710	7810	45793/1255
		constranger a	0	10/0	0	75/0

Há a notar que no caso do verbo *fazer*, a forma finita ou infinitiva do verbo pode modificar, levemente, o sentido semântico da construção. Assim, *fazer alguém+a+ F^{infinitivo}* é usado no sentido de obrigação necessária, tal como os outros verbos *constranger*, *instigar*, *incantar*, *levar*, *coagir*, *insitar* e *forçar*, e *fazer com que + F^{finita}* classificado por Marques como expressão de condição necessária. Obviamente, por razões técnicas (isto é, para que seja possível realizar a comparação das formas finita e não finita), no entanto, não nos foi possível separar estas duas construções em categorias diferentes, como provam os seguintes exemplos:

10. «O teatro fez com que, no Porto, o último domingo fosse um dia feminíssimo.»³⁴
11. «Mas é difícil fazer a droga chegar ao cérebro devido à barreira hemato-encefálica (que protege o cérebro de agressões exteriores).»³⁵

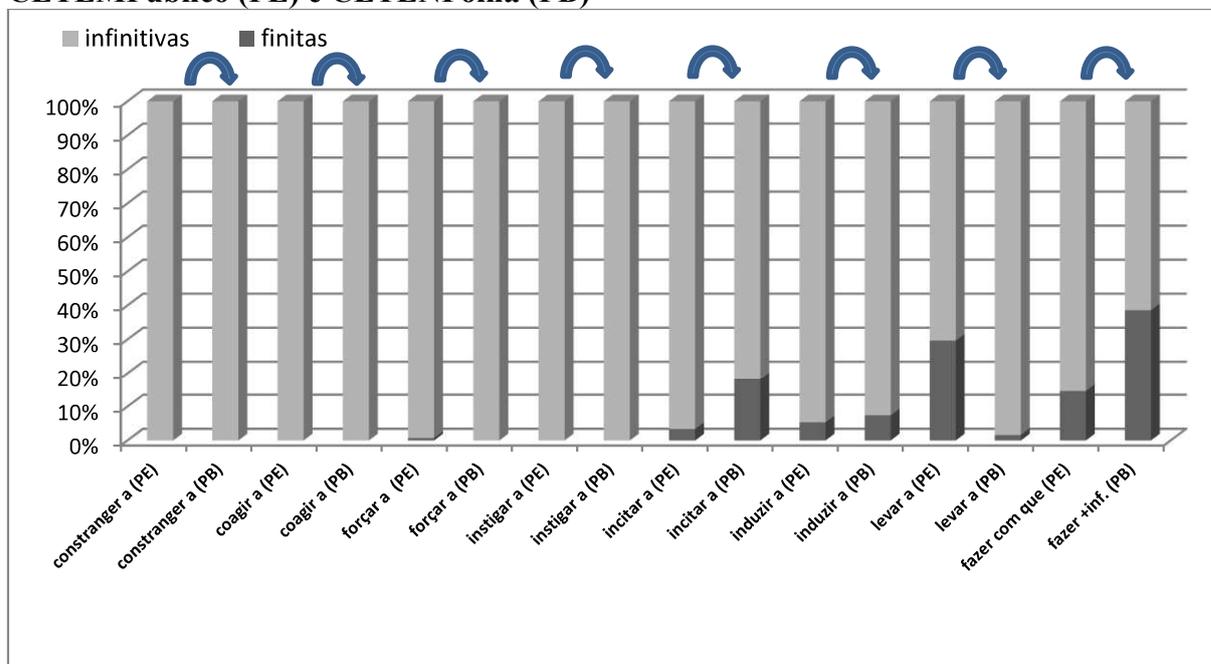
Como o gráfico 7 indica, a forma infinitiva é subcategorizada predominantemente, por todos os antecedentes, pelos motivos já explicados nas linhas anteriores. No entanto, apesar desta

³⁴ CETEMPúblico: Santos (2017): par=ext1513-clt-92a-3:

³⁵ CETEMPúblico: Santos (2017): par=ext900-clt-soc-94a-2:

coincidência há a notar que, porcentualmente, a variedade brasileira seleciona, no caso de *incitar*, *levar* e *fazer*, mais frequentemente, a forma infinitiva (cca 35% dos casos).

Gráfico 7: Construções completivas subcategorizadas por verbos de obrigação forte em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)



Tal como se verá na seguinte secção, a ineridade e a natureza do sujeito não são os únicos fatores que influenciam a preferência por uma ou outra forma. É, igualmente, o tipo de transitividade direta ou indireta, que entra em jogo. Sendo assim, a complexidade dos fatores relevantes é maior do que se esperava no início, como mostrará o seguinte tipo de predicados.

4.3. Predicados associados às expressões de volição positiva e negativa

No caso deste tipo dos verbos verificou-se, tanto nos códigos como na Linguateca um uso mais variável das formas verbais embora seja mais sistemático do que nos outros casos. Foram divididos em “positivos” e “negativos”, por razões semânticas. Nos verbos “volitivos negativos” incluímos os verbos *recusar*, *negar-se*, *evitar*, *opor-se*, *dificultar* e *impedir*. Apesar de alguns deles serem definidos por Marques como verbos que exprimem condição necessária ou suficiente, propomos, em nossa análise, a sua interpretação volitiva negativa, por possuírem um componente semântico negativo, isto é, para além do componente típico de volição [vontade +] e [controlável +], possuem ainda o sema da não realização da proposição pelo agente [vontade +/- controlável + => não realização da ação]. Por outro lado, nos verbos “volitivos positivos” típicos incluímos *esperar*, *tolerar*, *conseguir*, *prestar-se* e *esforçar-se*, em que o

agente deseja a realização da proposição agente [vontade+/ controlável+ = > realização da ação+].

No entanto, esta divisão, realizada antes pelos motivos semânticos, não influenciou de nenhuma maneira a seleção da forma finita ou infinitiva da frase subordinada. Neste tipo de modalidade, é, em ambas as variedades, o tipo de transitividade o fator relevante, como antecipam os dados do quadro 8 em que se vê claramente que a maior frequência das formas finitas é associada as verbos transitivos diretos e, ao contrário, as formas infinitivas são típicas dos verbos transitivo oblíquos e pronominais ao mesmo tempo.

Quadro 8: Representatividade numérica dos antecedentes verbais volitivos positivos e negativos em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)

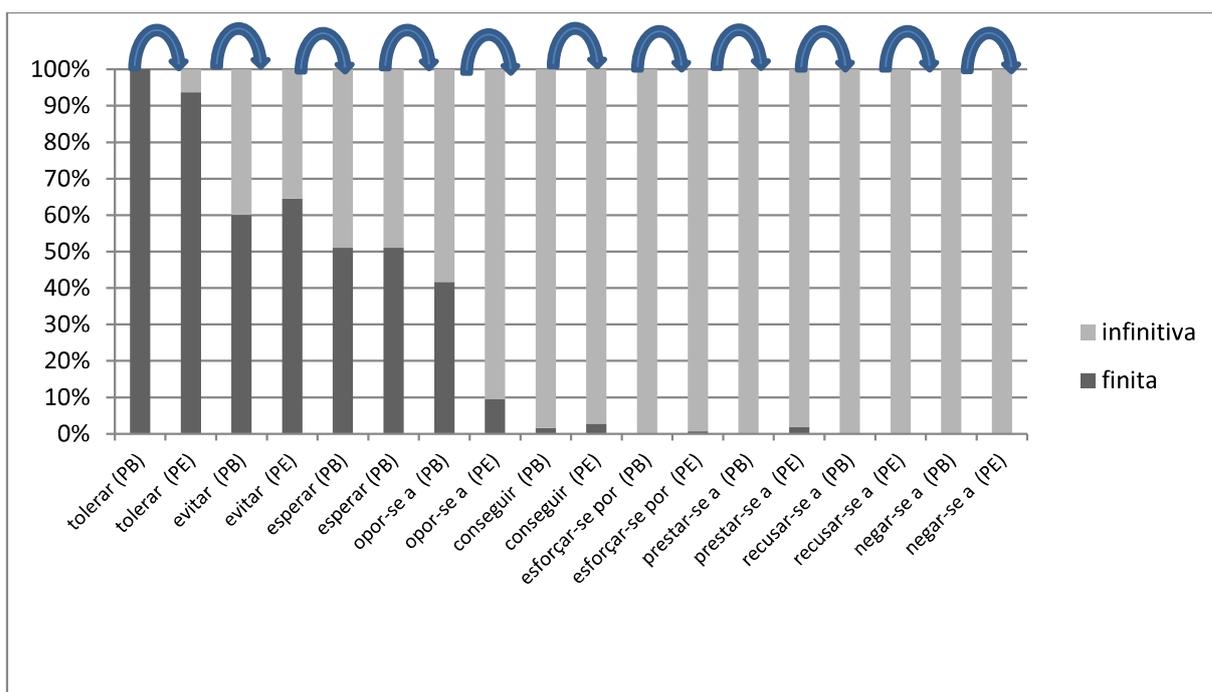
modalidade epistêmica -	frase principal		frases completivas			
	nome	variedade	CETENFOLHA		CETEMPÚBLICO	
		tipo de frase	finita	infinitiva com/sem marcas de flexão	finita	infinitiva com/sem marcar de flexão
v o l i t i v o +	<i>esperar</i>		1737	1602/66	1505	6129/18
	<i>tolerar</i>		6	5/0	75	5/0
	<i>prestar-se a</i>		0	20/0	3	154/0
	<i>esforçar-se por</i>		0	22/0	5	782/0
	<i>conseguir</i>		151	9008/0	1651	57460/0
v o l i t i v o -	<i>evitar</i>		1100	728/2	4108	2258/2
	<i>dificultar</i>		7	5/0	6	3/0
	<i>recusar-se a</i>		0	877/0	5	3889/0
	<i>negar-se a</i>		0	234/0	0	5/0
	<i>opor-se a</i>		5	7/0	2	19/0
	<i>impedir (de)</i>		1219	531/118	4216	3806/836

No caso dos antecedentes volitivos transitivos indiretos, em PB e em PE, em geral, prefere-se usar a forma infinitiva, tal como no caso das orações subcategorizadas pelos antecedentes ternários. Um caso até certo ponto anômalo é o verbo *opor-se a*, o qual, apesar de ser ternário (pronominal) e transitivo oblíquo, habitualmente, subcategoriza a frase finita, tal como provam os dados do gráfico 8. Na nossa perspectiva, esta predominância finita tem a ver com a analogia semântica com *impedir*, *obstar* ou *ser contrário a*³⁶ que implicam uma maior probabilidade da existência do sujeito não correferencial da frase subcategorizada e, implicitamente, também da frase finita, porque no caso oposto (sujeito correferencial) ocorrem as formas infinitivas como demonstram os seguintes casos:

³⁶ <https://www.priberam.pt/dlpo/opor-se>

12. «Parreira se *opõe a que* a seleção brasileira *jogue* com três atacantes .«O governo não se *opõe a prestar* ajuda humanitária além da fronteira.»³⁷
13. «Eua, Canadá, Suíça e Áustria *se opõem a falar* em direito à reunificação de famílias de imigrantes.»³⁸

Gráfico 8: Construções completivas verbais finitas e infinitivas subcategorizadas pelos verbos volitivos positivos e negativos em CETEMPúblico (PE) e CETENFolha (PB)



5. Considerações finais

Foi o objetivo do nosso texto, através de uma análise semântico-sintática, mostrar um dos aspectos em que duas variedades de uma língua culta podem coincidir. Para o efeito, foi escolhido o registo jornalístico e jurídico, cuja análise, na verdade, confirmou uma convergência tipológica absoluta relativa à caracterização formal das frases subordinadas completivas, com umas poucas diferenças existentes a nível de expressões concretas como mostram os quadros 9-12 em anexo, que mostram, ao mesmo tempo, construções com tendências opostas às que foram verificadas nos Códigos (destacadas em cor cinzenta).

³⁷ CETEMPúblico: Santos (2017): *par=Esporte--94a-2:*

³⁸Linguateca: Santos (2017): *par=Mundo--94a-1:*

Em geral, pode-se constatar, que a nível de linguagem formal, escrita e culta, os antecedentes epistémicos e os antecedentes não epistémicos transitivos diretos priorizam a subcategorização das orações completivas finitas com o indicativo no primeiro e com o conjuntivo no segundo caso, enquanto os antecedentes deônticos transitivos oblíquos ou indiretos, ao contrário, registam uma maior frequência das frases infinitivas. Há a notar que os resultados apresentados neste artigo fazem parte de uma investigação a longo prazo, cujo fim é analisar, primariamente, a formulação sintática das disposições dos códigos penais de Portugal e do Brasil e, através dos fenómenos observados, visamos verificar se a validade destes resultado se regista também a nível mais geral – o diatópico. Antecipe-se que, enquanto que as orações completivas, na linguagem culta, a nível mais geral, apresentam um carácter maioritariamente simétrico em PE e PB, no caso das outras frases subordinadas, e.g. relativas e circunstanciais, são patentes muito maiores assimetrias, sobretudo na seleção do modo verbal. Por outro lado, no que se refere às orações completivas, as variedades da língua portuguesa em questão apresentam uma clara simetria.

Estamos conscientes de que, caso a análise seja realizada ao longo de todo eixo paradigmático, que abrange uma escala de fatores sociolinguísticos, poderiam ser encontradas tendências menos convergentes do que a nossa pesquisa mostra, tanto dentro como forma da norma gramatical. Tal, no entanto, não foi objetivo do nosso trabalho.

Referências:

- CUNHA, C., CINTRA, L. A nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- DUARTE, I. *Subordinação completiva – as orações completivas*. In: MATEUS, M. H.M. (Orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003, (cap. XV, pp. 595 – 651).
- KRATZER, A. Modality. In: A. von Stechow & D. Wunderlich (Orgs.). *Semantics*. Berlin: de Gruyter, 1991, pp. 639-657.
- KURY, A. G. *Novas lições da análise sintáctica*. São Paulo. Ática. 2001.
- MARQUES, R. *Sobre o valor dos modos conjuntivo e indicativo em português*, 1995. 177 f. Dissertação. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MARQUES, R. *Sobre a seleção de modo em orações completivas*. Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: 1996, Vol.I., pp.191-202.
- MARQUES, R. *Sobre a Distribuição do Modo em PE e em PB*. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa. 2001 Vol I., pp. 699-713.
- MARQUES, R. *On the system of mood in European and Brazilian Portuguese*. *Journal of Portugues Linguistics*, Porto.2004, Vol. 3, n.1, pp. 89-109,.

NEVES, J. B. Estudos da modalidade: as tipologias de Campos. In: BROCARD, M. T (Org.), *Cadernos WGT – Ler Campos*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp.31-36.

OLIVEIRA, F. Modalidade e modo. In: MATERUS, M. H.M. (Orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003, p.245-247.

PALMER, F. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press/Textbooks in Linguistics.1986.

POLÁŠEK, M. *Non-Finite Embedded Clauses in Portuguese*. 2015.212 f. Dissertação. Faculdade de Letras da Universidade de Masaryk. Brno. Rep. Tcheca.

RAMOS, J.J. de S.C. *Introdução ao português jurídico*. Praga: Karolinum. 2012.

RAMOS, J.J. de S.C. *Ocorrência e interpretação dos verbos modais ‘dever’ e ‘poder’ em contexto jurídico: contributos para uma análise juslinguística*. 2017. 207 f. Dissertação. Faculdade de Letras da Universidade Carolina. Praga. Rep.Tcheca.

RAPOSO, P.; Bacelar, M.; Coelho, M.; Segura, L.; Mendes, A.; com colaboração de Vincente, G. e Veloso, R. (2013) *Gramática do português: Volume I*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RAPOSO, P.; Bacelar, M.; Coelho, M.; Segura, L.; Mendes, A.; com colaboração de Vincente, G. e Veloso, R. (2013) *Gramática do português: Volume II*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTOS, D. Português internacional. In: TEIXEIRA, J. (ed.). *O Português como Língua num Mundo Global: problemas e potencialidades*. Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, 2016, pp. 51-68.

SVOBODOVÁ, I. *Sintaxe da Língua Portuguesa*. Universidade de Masaryk. Brno. 2014.

ZAVADIL, B. e Čermák, P. *Mluvnice současné španělštiny*. Universidade Carolina. Praga. 2010.

f)

g) **Anexo:**

Quadro 9: Antecedentes que, nos Códigos, subcategorizam, exclusivamente, as frases infinitivas e a comparação com o uso real (Linguatca)

INFINTIVAS 100% nos Códigos		Linguatca	
CPP	CPB	CETEMPúblico	CETENFolha
forçar a		INFIN. >FINI.	
levar a		INFIN. >FINI.	
destinar-se a	fazer inf.	INFIN.100%	INFIN. >FINI.
	coagir a		INFIN.100%
	induzir a		INFIN. >FINI.
	instagar a		INFIN.100%
	destinar-se a		INFIN. >FINI.
	habilitar a		INFIN.100%
	obrigar a		INFIN. >FINI.
	determinar		FIN. > INFIN..
	constranger a		INFIN.100%

Quadro 10: Antecedentes que, nos Códigos, subcategorizam ambas as frases, com a prevalecte maioria as frases infinitivas e a comparação com o uso real (Linguatca)

INFINIT.> FINITAS nos Códigos		Linguatca	
CPP	CPB	CETEMPúblico	CETENFolha
saber	saber	FIN. > INFIN..	FIN. > INFIN..
permitir		INFINIT.> FINITAS	
determinar		FIN. > INFIN..	
coagir a		INFIN.100%	
fazer inf.		INFINIT.> FINITAS	
constranger a		INFIN.100%	

Quadro 11: Antecedentes que, nos Códigos, subcategorizam ambas as frases, com a prevalecte maioria as frases finitas e a comparação com o uso real (Linguatca)

FINITAS> INFIN.		Linguatca	
CPP	CPB	CETEMPúblico	CETENFolha
	permitir		INFIN. > FINITAS
impedir	impedir	INFIN. > FINITAS	INFIN. > FINITAS

Quadro 12: Antecedentes que, nos Códigos, subcategorizam, exclusivamente, as frases finitas e a comparação com o uso real (Linguatca)

FINITAS 100%		Linguatca	
CPP	CPB	CETEMPúblico	CETENFolha
considerar	considerar	FINITAS > INFIN	FINITAS > INFIN
crer	alegar	FINITAS > INFIN	FINITAS > INFIN
verificar	insinuar	FINITAS > INFIN	FINITAS > INFIN
supor	dificultar	FINITAS > INFIN	FINITAS > INFIN
suspeitar	facilitar	FINITAS > INFIN	FINITAS > INFIN
concluir		FINITAS > INFIN	
declarar		FINITAS > INFIN	
decidir		FINITAS > INFIN	
limitar-se a		INFIN. > FINITAS	

Recebido em 17/11/2017

Aceito em 12/12/2017.